

JEAN-JACQUES FELSTEIN

*Na*  
ORQUESTRA  
*de*  
AUSCHWITZ  
*O Segredo da Minha Mãe*



*Uma história real sobre  
sobrevivência e o poder da música*

v o g a i s

# ÍNDICE

Prólogo . . . . .	9
I. Hélène e Violette . . . . .	39
II. Um Aniversário . . . . .	63
III. <i>A Chacona</i> . . . . .	77
IV. O Peso das Palavras . . . . .	93
V. A Orquestra . . . . .	119
VI. Alma . . . . .	133
VII. <i>Friseur und Kosmetiksalon</i> — Paris-Beauté . . . . .	149
VIII. Segundo-Violino . . . . .	159
IX. <i>Tochter aus Elysium</i> . . . . .	173
X. Polacas . . . . .	193
XI. A Morte do Cisne . . . . .	215
XII. Sylvia . . . . .	225
Epílogo . . . . .	231
Membros da Orquestra Feminina de Auschwitz . . . . .	249
Algumas Peças do Repertório . . . . .	253

*This is dedicated to my sister, Lydia.*

Em memória de Philip e Jacqueline.

Este livro foi apoiado, encorajado e até impulsionado por muitos, entre os quais, Ruth Levy, Louis Miller, Françoise Hessel, Bertil Hessel, Alain Rustenholz, Sandrine Treiner, Florence Morgiensztern, Marie-Christine Ottin-Pecchio, Roland Meyer e, mais recentemente, Carole Veron.

Obrigado, para sempre, a Violette, Anita, Hilde, Éva, Regina. Obrigado e adeus a Hélène, Yvette, Dora, Helena, Zofia, Sylvia.

Obrigado a Tamara Landau, que me ajudou a pensar a minha existência como legítima... para assim a poder viver.

Obrigado, enfim, a todas as crianças e jovens adultos que segui e talvez tenha ajudado nestes últimos 30 anos. Deram também sentido à minha existência.



Jean-Jacques Felstein com a mãe.

## PRÓLOGO

*Colónia, verão de 1958*

*O céu está cinzento, estriado de amarelo-mostarda. Tem a cor dos meus pesadelos. É um pesadelo. Somos milhares, aglutinados, nus e amontoados, uns contra os outros, numa esplanada sem limites. Ainda que, ao ar livre, um grito contínuo, feito de milhares de gritos, pareça ser devolvido pelas paredes polidas de uma imensa casa de banho. Única presença tranquilizadora na minha vizinhança, estás mesmo atrás, ao alcance da voz. Não falas comigo, olhas como uma louca para todo o lado à tua volta. Talvez nem sequer saibas que aqui estou. Um impulso, não se sabe de onde, faz-nos avançar em massa sob um pórtico de metal que dá para uma escada. Sempre aglutinados, subimos, passo a passo, empurrando-nos, gritando ainda mais. À medida que subimos, a minha angústia aumenta. Os gritos atingem um grau sonoro ensurdecedor. Avançamos num corredor que desemboca no vazio. Os que estavam à minha frente desapareceram, tu desapareceste decerto também. Sou obrigado a lançar-me nesse vazio e vejo que toda a estrutura metálica que tínhamos escalado não passava de uma gigantesca prancha. Em baixo, numa piscina, ladrilhada de faiança branca, estão marcados com linhas azuis os corredores dos nadadores. Essas cores são nítidas, as linhas são nítidas. Não há água nessa piscina. Temos de nos atirar, atiram-nos para nos matar...*

Acordo sem fôlego, estou só, estás no trabalho.

Para mim, em criança, este sonho foi a primeira representação de uma destruição em massa, a nossa destruição pelo nazismo. Esta visão do desastre, construí-a assim, não dispondo de outro elemento além do que tinha percebido através de ti, na minha procura de um contacto contigo. Tinhas optado por não me dizer nada acerca do que tinhas sofrido, alguns anos antes de eu ter nascido. Na altura, tinha uma imaginação abundante. Porém, por o ter sentido através de ti, sabia já que esse horror não era feito de demónios com chifres, dragões voadores ou lobos que espumam, todo esse desassossego que povoa as imaginações infantis. No meu mais íntimo, sabia que esse desastre devia ter sido um pesadelo imbecil, tecnológico, anónimo e higiénico, na medida exata do massacre e dos que o haviam programado.

Solidário contigo, até à minha última fibra, tinha a consciência de que a tua incapacidade para me prestares atenção criava, ao longo do tempo, um abismo entre nós. A destruição interior que tinhas sofrido era tão completa que não dispunhas sequer de palavras para a pensar e, por maioria de razão, para ma exprimires.

Tinhas sido testemunha, tinhas ainda as marcas. Um número de cinco algarismos, sublinhado por um triângulo a apontar para baixo, tatuado na parte externa do teu braço esquerdo, a dez centímetros da articulação do cotovelo. Esse número, a azul-escuro, era bem pequeno, mas cada traço que o compunha era uma incisão que continha indizíveis ofensas.

Impressionantes eram também esses pesadelos que te acordavam aos gritos, os olhos alucinados, que deixavam o meu pai impotente para te acalmar. Sabia que não se devia falar disso contigo. Tive de esperar muito tempo para compreender que o

que te permitia manter magicamente esses pesadelos à distância era, por vezes, o beijo de boa-noite que te devia dar, por mais que me custasse, independentemente do que se tivesse passado entre nós durante o dia. E, único ponto sobre o qual cimentava o nosso laço, havia também aquelas enxaquecas que te deixavam sem força, a não ser para repelires para longe quem quer que tentasse aproximar-se de ti. Não te podendo curar, sofria então dos mesmos males: era a única coisa que te podia tirar sem arriscar enfraquecer-te em demasia.

Há muito tempo que já não ignorava que não poderias estar presente e continuamente disponível para mim. Sabia que seria inapropriado pedir-te mais do que me davas. Nas tuas atitudes e no que era tacitamente entendido à nossa volta, lia claramente que não tinha o direito de me sentir frustrado. Tendo em conta o que tinhas sofrido, as minhas necessidades eram irrisórias.

Vivíamos, nessa época, numa pequena vivenda, toda a família misturada. O olhar dos outros membros da família — a que sempre chamei a *tua* família — queria dar-te proteção, o que nos levava a separarmo-nos ainda mais: por que razão, com que direito, vinham interpor-se entre nós, nós os três, inicialmente, nós os dois, mais tarde, após o teu divórcio? Porque é que tinham uma opinião sobre nós e porque os deixavas tê-la? As minhas expectativas de criança, sem dúvida, um pouco precoce eram demasiadamente exigentes, as minhas dores, excessivamente vivas, para que pudesses reagir de outra forma que não fosse por alternâncias de passividade e explosões de raiva. Os outros, pois, que se ocupassem de mim quando estavas demasiado ocupada...

Sem uma presença e um reconforto suficientes, quando deles precisava, sem palavras bastantes que os justificassem ou

explicassem. As minhas coisas infantis eram obstinadamente rejeitadas, tornando tabus o teu passado e as minhas origens.

Desde que me lembro, tenho o sentimento de ter estado em alerta permanente, à espera de uma vaga catástrofe que, no mais benigno dos casos, nos separaria um do outro e, no pior, nos mataria. Um acontecimento que não se podia dizer e cujo peso carregavas tinha ocorrido antes do meu nascimento. Chamava-te e não respondias, ou não respondias suficientemente. Essa frustração, tão pouco conveniente e tão bem escondida ao olhar do nosso círculo familiar — não eras tu uma santa? —, marcou, sem dúvida, toda a minha existência.

A este silêncio em que me deixaste crescer juntavam-se alguns pormenores de um interior padronizado dos anos 1950: um retrato de criança e livros.

Desenhado a sanguínea e pastel, em papel *kraft*, o retrato representava uma criança de 3 anos, Lydia, de pé, à beira de uma praia, em Knokke. A rapariga vestia um conjunto de cor cinzenta. O seu rosto, de cabelos loiros cortados à moda dos anos 1920, mostrava bochechas vermelhas e cheias. Tinha os membros redondos de uma rapariga no fim da infância. Esse retrato, de um pintor que se dizia ser algo conhecido, foi o prémio ganho por Lydia, eleita «a mais bela criança da praia» nesse verão de fim da *Belle Époque*. Devidamente enquadrado, figurava no salão, com o piano desafinado e a abominável *Natureza Morta com Faisão*, mais ou menos flamenga, na parede do fundo, sempre um pouco na sombra. Esse salão era o lugar onde apenas se passava «para não estragar nada».

Tínhamos também cerca de 30 romances: a trilogia dos *Mosqueteiros* de Dumas, *Les Coups d'épée de Monsieur de la*



*Guerche e Belle-Rose* de Amédée Achard, ou a obra completa da Condessa de Ségur. Revestidos de papel azul ou castanho, os títulos dos volumes eram cuidadosamente caligrafados com uma caneta sobre etiquetas escolares. Tinham o ar de livros amados e depois abandonados. Contrariamente ao retrato, não figuravam no salão: tinham sido postos de lado, no fundo de um armário de madeira que ocupava uma parede inteira da cozinha. Eram «os livros da tia Lydia». Eu lia-os com sofreguidão. Tratava-os como relíquias. Eram relíquias e não o sabia.

Tinha, pois, este retrato de uma rapariga, os livros de uma pré-adolescente e o nome de uma adulta, «tia Lydia». Três idades distintas de uma pessoa misteriosa. Era muito nova para ser tia fosse de quem fosse. E ninguém, tu menos do que alguém, me queria dizer onde estava ou quem era.

Não consegui relacionar Lydia com esse passado demasiadamente opaco até muito mais tarde. Tive, primeiro, de passar por uma série de catástrofes particulares e deixar infundir por um momento o cataclismo que nos atormentava a todos, sem que tivesse uma maneira de o saber.

Perdoa-me que to diga tão cruamente, a ti, que sofreste ambos, a explosão da nossa família foi para mim tão intensa como os massacres nazis. No universo infantil, de que eu era o centro incerto, formavas com o meu pai o arco de sustentação que sempre vacilou, pois os três não éramos muito fortes. A vossa separação destruiu a pouca segurança interior que me restava.

Nessa altura, tive pesadelos cheios de desmembramentos, estripamentos, dilacerações. Sonhava comigo à procura dos dois, em cidades em chamas, em ruínas, em paisagens sempre devastadas.

A tua partida para a Alemanha espalhou em todas as direções o que restava de mim. Não estava preparado, tanto para isso como para a vossa separação. Partiste para lá como quem foge, enquanto eu estava noutra sítio, «numa colónia», como se dizia então. Era *home*\* de crianças — de crianças judias —, à borda da Mancha, onde pela primeira vez esbarrei na noção de «guerra 39-45». Era também a primeira vez que me encontrava só.

Passei lá dois meses, sob o nevoeiro, aterrorizado. O meu corpo já não tinha contornos, urinava na cama como se a minha vida dependesse disso. Perdia ou deixava roubar tudo o que tinha, quando não o dava a quem mo pedisse gentilmente. Perguntava para mim quando e se porventura te voltaria a ver. A Alemanha, a que tinhas regressado, para ti, para nós, não era neutra, fazia vibrar em mim harmonias de sofrimento indefinido, as tuas, sem dúvida.

A tua partida evocava muito o exílio. A nossa separação cumpria a minha angústia recorrente: um comboio a levar-te, e eu, com os braços a baloiçar, incapaz de te retirar dele, para sempre, no cais.

Pude recomeçar a pensar em voltar a crescer quando ficou decidido que iria visitar-te regularmente a Colónia, onde abrias um salão de cosmética.

Ir ter, em alternativa, com o meu pai e contigo obrigava-me a viver em dois contextos exclusivos. Aos 9 anos, tinha de atravessar sozinho metade da Europa para ir ter convosco. Todavia, encontrei assim um pequeno espaço para me construir e também ganhei a possibilidade de não perder nenhum dos dois... Desde que estivessem na estação ferroviária ou no aeroporto para me virem buscar, coisa de que nunca tinha a certeza.

---

\* *Lar*, em inglês no original.



Partida para Colónia.

Ver aproximarem-se as torres gémeas da catedral de Colónia, sinal do fim da viagem, levava-me sempre à mesma questão absurda: «Irá ela estar lá, à minha chegada? E, se não, quem me ajudará a tirar a mala da rede da bagagem?» Era um pouco por essa bitola que media a minha altura: chegou um momento em que pude descer e carregar sozinho essa mala infeliz. Antes de cada viagem, o meu pai munia-me de uma mensagem, na qual estava escrito, em alemão: *Chamo-me Jean-Jacques, a minha mãe mora em Habsburgerring, 18-20, o seu número de telefone é o 23 22 01.* Fortalecia assim a minha ideia de que era possível que não estivesse presente no lugar de encontro...

Tudo surgiu a partir de uma placa de mármore, à entrada da minha escola, e de *O Grande Ditador* de Chaplin. A placa

havia sido colocada em memória dos alunos e professores deportados em 1942. Ninguém tinha regressado.

Essa simples palavra, «deportados», numa família como a nossa, não era possível que não a tivesse ouvido. É certo que um pacto de silêncio tinha implicitamente sido concluído entre todos vós, os membros da família materna. Não devíamos evocar o *antigamente*, as pessoas de *antigamente*, nem o que lhes podia ter acontecido. Tal não impedia que a palavra, por vezes, ressurgisse.

Muito mais tarde, deduzi que o pacto tinha sido provavelmente concluído quando tu, Elsa-a-sobrevivente, tinhas regressado de Belsen, enquanto nem o teu pai, nem Lydia, nem os seus pais, Rosa, a irmã mais velha da minha avó, nem David, pai de Lydia, haviam regressado de Auschwitz. Além do facto de vos permitir reconstruir as vossas vidas, o que não foi assim tão simples, esse pacto tinha também como objetivo proteger-me a mim, o primogénito do tempo *posterior*. Prisioneiro como os outros da injunção familiar, fechava de bom grado os meus ouvidos, sempre que a palavra surgia.

Acontecia, contudo, que, por ocasião de reuniões familiares, ouvisse, de repente, dez adultos a murmurar, como crianças, a trocar segredos um pouco picantes. Era aí que «a palavra» circulava, era aí que os nomes de Lydia e Rosa eram sussurrados — nunca o de David, nunca, tão-pouco, o do teu pai. Era então que me mandavam ler para outro lado.

À medida que «a palavra», pouco a pouco, se foi sobrecarregando — a deportação, *de onde não se voltava* —, os fragmentos dessas conversas, percebidas contra a minha vontade, começavam também a fazer sentido. Compreendia intuitivamente o que havia acontecido a essa «tia Lydia». Designavam-na como «tia», não porque fosse adulta e, como tal, lhe devesse respeito, mas

porque essa pequena Lydia, para sempre jovem, *podia* ter sido uma adulta a quem *podia* ter devido respeito. Não sabia, em pormenor, como é que as promessas de uma vida tão curta tinham sido aniquiladas. Essa rapariga, morta sem vestígios, simbolizava a machadada dada pelo nazismo na nossa história, a ferida gigante na narração da nossa linhagem. Evidentemente, havia um vazio que não podia ser preenchido, uma chaga tanto mais dolorosa quanto nunca proferida.

*O Grande Ditador* estreava em Paris. Talvez tomes isto como uma simples homenagem póstuma ao génio de Chaplin, mas tenho de dizer o seguinte: ele foi capaz de fazer, na minha cabeça, Hynkel de Tomânia ser o «real», e Hitler, a caricatura. Só com dificuldade consegui admitir a cruz suástica como símbolo do nazismo, em vez das duas cruzes num círculo branco que vemos nas braçadeiras, no filme de Chaplin. Hynkel personificou muito bem aquele que gritava o ódio e a morte, e os seus arrotos germanoides não me fizeram rir. Este filme — que precede os factos! — foi para mim a primeira representação «documental» dos mecanismos da *Shoah*\*.

André Schwartz-Bart acabava de ganhar o Prix Goncourt, atribuído a *O Último Justo*, e o diretor da nossa escola leu-nos o último capítulo do livro, aquele em que toda a gente é morta: homens, mulheres, crianças, numa câmara de gás maquilhada de chuveiro. A descrição da morte na escuridão, de todas essas pessoas, idades e sexos confundidos, foi surpreendente e fonte de novos pesadelos. Estes eram mais precisos, mais clínicos. Não eram menos assustadores.

---

\* Termo hebreu para Holocausto que, literalmente, significa catástrofe ou calamidade e designa o assassinato em massa de judeus no período nazi.

Num período mais ou menos contemporâneo dessa leitura, um colega de turma, Didier, evocava constantemente um lugar sobre o qual tinha ouvido falar na *sua* família, o «shvitz». Falava disso no recreio, à mesa, na aula. Alguns de nós ouvia-mo-lo, fascinados. Morria-se lá, após torturas indescritíveis, mas não estava localizado no espaço ou no tempo: esse *shvitz* não existia, pois, em lugar algum. Se esse lugar tinha uma maior verosimilhança e espessura do que a caverna do Ali Babá, o *Pitchipoi*\* ou a caverna do Ciclope da *Odisseia* — Didier parecia saber do que estava a falar —, não era tanto por causa do que era dito, mas pelos ecos que despertava em mim, que havia sido impregnado, ao mesmo tempo que embalado, por terrores semelhantes. Em vez de o contar ao meu pai, esperei ver-te em Colónia para te perguntar se conhecias esse *shvitz*. Um amigo belga, ao ouvir-me fazer a pergunta, fez-me esse gesto bem conhecido: passar a unha do polegar sobre a garganta, adicionando um som vocal repugnante. Respondeste-me com um «chiu!» enérgico e sem apelo, autenticando assim, por defeito, o que o meu amigo havia dito.

Insensivelmente, vinham-se colar, ponta com ponta, explicações incompletas, de uma forma totalmente anárquica, de Lydia à deportação e da deportação ao *shvitz*. Estava a começar a perceber um pormenor que me tinhas transmitido e que me tornava num condenado à morte com pena suspensa: era judeu.

Posso agora dizer-te que, durante muito tempo, foi para mim uma cruz nociva de carregar, um traço a esconder tanto quanto possível. Revejo-me ainda nas ruas de Colónia, um grupo de crianças a tentar forçar-me a entrar numa igreja e eu a perguntar a mim mesmo se devia «confessar-lhes» o porquê de não ter

---

\* Em iídiche, lugar perdido, desconhecido, imaginário, aonde os judeus de França acreditavam vir a ser deportados.

nada a fazer lá... Sem diretamente o saber, assumia assim o despadramento esfarrapado do judeu do gueto que, fora dos muros, curvava a cabeça sob os insultos e deixava passar sem reagir aos golpes.

Nesta mixórdia contraditória e angustiante, restava-me enfrentar o momento em que a História e a *nossa* história colidiram. É claro que isto aconteceu na Alemanha.

Ainda hoje me custa compreender o teu regresso fascinado a esse país. Onde não estavas no teu lugar. Claro que costumávamos ir para lá nas férias, mas quanto a mudares-te para lá... Trabalhavas como uma besta de carga, pois abrir um salão de cosmética em Colónia, chamado Paris-Beauté, era uma aposta difícil. Com o passar do tempo, descobri no alemão que falavas com os teus clientes um sotaque francês cada vez mais forte. Semeavas as tuas conversas de «Hem?» e de «Non!» Não sei se era uma escolha deliberada e comercial da tua parte, ou se marcavas assim uma forma de distanciamento com os teus interlocutores.

Praticamente, só tinhas franceses como amigos, ou, pelo menos, francófonos. Havia uma profunda ambiguidade na tua situação em Colónia. Estavas longe da tua família, o que devia ser bastante libertador, pois podias levar a vida que quisesses, sem que visses julgadas pelos teus próximos as tuas possíveis escapadelas. No entanto, não conseguiras criar laços suficientes nesse mesmo lugar, para aí te poderes sentir em casa. Esta posição, de envolvimento e distanciamento, conhecia-a, era a que tinhas em relação a mim e a que eu mesmo tive não raras vezes.

A Paris-Beauté prosperou de modo digno. A «pequena francesa» começava a ser conhecida em Colónia. Enquanto, no início, moravas lá por uma questão de economia ou para estares no

trabalho mais cedo — dormias no divã azul-bebé que era usado durante o dia na sala de espera —, tiveste, em seguida, um alojamento decente, um alojamento onde eu podia ficar sozinho a ler enquanto trabalhavas. Não sabias apresentar-me a crianças da minha idade e eu não sabia fazer amigos: não era tímido, era quase selvagem. De início, passava os meus dias no salão, o que me entediava imensamente, por não conseguir fazer mais do que tentar monopolizar-te, mesmo quando tinhas de atender um cliente. Desde então, as atmosferas macias e violentamente perfumadas dos salões de cabeleireiro deprimem-me: vejo-me ainda, o único rapaz do harém, vagamente perturbado por essa feminilidade lânguida, demasiado jovem para interessar a quem fosse, demasiado estranho para trocar mais do que um *Guten Tag* ou um *Danke schön* com senhoras gordas que vieram ser mimadas.

De entre as tuas amigas, havia uma, Ruth, que teve uma grande importância para mim. Judia, alemã, passou a guerra escondida e era perfeitamente bilingue. Com a possível exceção das tuas amigas da Bélgica, Hélène Wiernik\* e Fanny Kornblum, e, embora tenham tido itinerários diferentes, ela terá sido, sem dúvida, a pessoa mais próxima de ti. Tanto tu eras pequena, arredondada, ruiva e com pele leitosa quanto ela era grande, fina, morena e bronzeada em qualquer estação. Era bonita, divertida, vivaz, sensível, e tinha essa faculdade de saber ouvir sem julgar. Tiveste finalmente alguém a quem confiar uma parte do teu sofrimento, passado ou recente.

Gostaste muito de Ruth, que te correspondia. Gostei muito dela também, porque tu gostavas dela e era a única adulta que conhecia que, nesse período, me tinha em consideração.

---

\* As mulheres da orquestra são aqui referidas pelos nomes que usavam aquando da sua deportação; para a maioria, os de solteiras. Ver quadro no final do livro. [N. A.]



A tua dificuldade em te estabeleceres na Alemanha não foi apenas material e administrativa. Havia problemas de uma natureza diferente. Nesse país, tinhas passado uma parte da tua infância e tinhas assistido à escalada da barbárie. Desta língua alemã, conhecias todos os tons e registos, os da poesia infantil e os das canções de embalar e os das SS e os dos burocratas. Ela não devia soar agradavelmente aos teus ouvidos.

Até meados da década de 1960, Colónia guardava ainda vestígios da guerra. E traziam de volta à memória que a cidade não havia sido inocente quando os bárbaros lá tinham estado, triunfantes. Vestígios na pedra, buracos nas paredes, casas em ruínas, construções demasiado novas. Vestígios nos homens, envelhecidos, com braçadeiras amarelas, sobre as quais três pontos pretos dispostos em triângulo indicavam os inválidos ou os cegos. Tinha-o lido. Sabia já que, 30 anos antes, essa combinação de cores — preto sobre fundo amarelo — indicava um destino de uma natureza completamente diferente: era a marca da estrela ferida do infame e mortal *Jude*\*. Havia também, apenas para dizer olá, essa maneira muito germânica de adultos e crianças darem a mão e baterem os calcanhares, curvando bruscamente a cabeça, que me fazia sempre sobressaltar e parecia repugnar-te.

Devias perguntar a ti mesma o que tinham feito, 15 anos antes, esses velhinhos respeitáveis. Perguntava-o também para mim, sem expor abertamente a questão, a ti ou a eles.

Os vestígios mantinham-se também nos espíritos. Toda a Alemanha ficou traumatizada por rabiscos de cruzeiros suásticas e de *Juden Raus!*† no murete exterior da nova sinagoga de Colónia,

\* *Judeu*, em alemão no original.

† *Fora os judeus!*, em alemão no original.

pouco antes da sua inauguração, do outro lado da praça onde morávamos.

A história estava sempre presente, compreendi-o bem quando a peça extraída de *O Diário de Anne Frank* foi representada na Alemanha.

Desejavas ver esta peça e também querias que eu a visse. O meu domínio do alemão era mais do que elementar na altura. Antes mesmo de ir ao teatro, sabia que me iria entediar, que não iria compreender nada... Apesar dos meus protestos veementes e, pelo que me lembro, depois de uma negociação cerrada quanto à ida a algumas sessões de cinema, conseguiste arrastar-me até lá. Tal como se esperava, entediei-me profundamente, mas a sequência da peça foi entre nós dois que teve lugar. De repente, revelaste-me que, à semelhança de Anne, tinhas sido deportada para Bergen-Belsen, que lá tinhas apanhado tifo, que quase tinhas lá morrido.

Afinal, tinhas então estado num lugar com um nome engraçado, onde, simultaneamente, podias ter conhecido alguém famoso, Anne Frank, e morrido. Mesmo para alguém familiarizado com o alemão — e eu estava-o —, havia uma forma peculiar de exotismo sombrio neste tipo de lengalenga em quatro sílabas fortemente rítmicas: *Ber-Gen-Bel-Sen*. Poderemos chamar *trauma* a esse momento de revelação de um horror passado e ainda ativo, que havia sempre percebido inconscientemente e cujas palavras e aquelas quatro sílabas ásperas estavam a começar a delinear?

Uma das minhas maiores dores é que aquele momento em que me contaste aquele pouquinho iria ser a única vez na tua vida em que me falaste de ti. E o único momento em que algumas palavras vindas de ti me permitiram começar a pensar nisso

tudo, em vez de o viver através de pesadelos. Palavras inteiras, habitadas, apostas sobre uma névoa de impressões e fragmentos completamente bizarros: Lydia, o nazismo, o teu silêncio de antes, Anne Frank, que mais sei eu? Aquilo que, em mim, era um chão incoerente e inarticulado, não passava a organizar-se magicamente por essa razão. Porém, ao invés do caos anterior, em que a minha angústia crescia em ondas, algo em que me podia apoiar, tornou-se para mim, desde então, sensível. Eras tu quem finalmente se revelava na sua integridade, pois as coisas que antes não me havias contado interpunham-se entre nós, impedindo qualquer possibilidade de um verdadeiro diálogo. Este momento único de confiança far-me-á sempre lamentar o que poderia ter sido, se tivesses escolhido para nós a verdade em vez do silêncio.

Li então muito. Primeiro, *O Diário de Anne Frank*, várias vezes; talvez confusamente esperasse encontrar-te aí, ao virar da página. Em seguida, *Exodus* e *Mila 18* de Léon Uris. Um fala do nascimento do Estado de Israel, visto sob o ângulo dos sobreviventes dos campos. O outro evoca a revolta no gueto de Varsóvia. As personagens principais são identificáveis. O *shvitz* da minha infância transformou-se em Auschwitz. Percebi que, diante da realidade, a abominação do meu pesadelo de infância era apenas poesia afável.

O que ficara em silêncio entre nós abordava-o, pois, através de romances e testemunhos. Não era um modo menos evocativo. Os documentos, tão numerosos hoje em dia, eram ainda raros: a primeira montagem de arquivos de que ouvi falar chegou a Colónia em 1960. Chamava-se *Mein Kampf*. Muito suavizada, ainda assim, causou escândalo no seu lançamento, mas... era proibida a menores de 16 anos, tal como o mais recente dos filmes «despidos» da época.

Nada disso bastou para me explicar a tua ausência e a nossa incapacidade de comunicar. E a nossa incapacidade tornou-se comum. A minha bulimia de leituras sobre o que te tinha afetado tão fortemente, combinada com a inflação nascente de discursos sobre o «fenómeno concentracionário», conduziu-me, sem que me tivesse acautelado, a colocar uma certa distância entre ti e mim. Integrava-te na massa sem rosto dos «deportados», aplainando assim o que fazia a especificidade do teu percurso *anterior*, da tua história singular.

Era-me impossível perguntar-te, olhos nos olhos, o que isso te fizera; era-me impossível fazer-te saber quanto me afetava. O meu crescente conhecimento «intelectual» da «experiência» dos campos impôs como resolvida para mim a pergunta crucial, a questão da origem que habitualmente fazemos aos pais: «Quem sou eu?» A resposta com que vivi durante muito tempo, tempo demasiado, foi, de antemão: «Venho de Auschwitz, a minha história começou aí, a minha vida foi tecida aí, a minha pessoa construiu-se aí, a minha origem subsiste aí.»

Uma vez mais, o que me atormentava vinha sobrepor-se à História. Precisava de referências, de pontos de apoio. Ao não saber quem tu realmente eras, porque o silêncio — o teu e o da tua família — pesava sempre sobre partes inteiras da tua vida, tudo isso tornava a minha impossível, no sentido literal do termo. Antes de estar em condições de perceber melhor o que te acontecera, tive de superar duas grandes crises: a da adolescência, que foi cataclísmica, e a do ano de 1964.

Em Colónia, o teu futuro parecia-te obscuro, vias-te envelhecida e só, e essa visão assustava-te. Querias refazer um lar e, sobretudo, dar vida. Se possível, a uma filha que, tal como a

rapariga desaparecida, forçosamente se chamaria Lydia, numa reparação final do passado.

Após alguns fracassos dolorosos, a tua família encontrou-te um marido e um pai para a futura Lydia num canto remoto dos Estados Unidos. Quando este projeto se concretizou, talvez não tenhas tido força para falar comigo sobre ele, frente a frente; pareceu-te necessário que outros mo apresentassem, mo explicassem e, em muitos sentidos, mo justificassem.

Revejo-nos ainda, a nós os quatro, à volta da mesa, na sala de estar familiar, nós os dois, a tua mãe, o teu padrasto. Este último começou por me perguntar, num tom de brincadeira, na tua presença, o que pensaria do teu novo casamento. Estavas muda e não manifestavas grande entusiasmo. Era tão triste, esta cena de comédia italiana, era o mundo invertido... Em suma, pediam o meu consentimento para que voltasses a casar-te e partisses para dez mil quilómetros de mim.

No início da conversa, sabia já que não era uma brincadeira e que a decisão estaria, sem dúvida, já tomada. Ainda torço a orelha, e não deita sangue, por ter dito, interiormente meio liquefeito, que, sob a condição de não te perder, não tinha outra opção do que me resignar a isso. Ficava assim com a perspectiva de te ver apenas uma vez por ano, na melhor das hipóteses: no início dos anos 1960, uma viagem à América era um luxo. Surpreende-me e revolta-me sempre a minha incapacidade, nessa altura, de me queixar ou, apenas, de evocar o pouco caso que era feito de mim.

O meu consentimento era necessário para uma união sem paixão, um «casamento de conveniência». Impotente, estava furioso com essas pessoas «razoáveis» que não podiam suportar-te livre e governavam a tua vida, e, sobretudo, que te levavam

de mim. Trinta e cinco anos depois, ainda pergunto a mim mesmo se secretamente não esperavas que fizesse chantagem, simulasse uma crise epilética, um ato de violência, algo que te ajudasse ou obrigasse a decidir, fazendo-te sinal de que era preciso resistir, porque eu também estava em jogo...

Calei-me e não me perdoou, mas a minha raiva também era dirigida contra ti... e também contra mim. Além das tuas enxaquecas, talvez tenha adquirido de ti esta capacidade de me pôr sempre em segundo lugar.

E partiste e casaste-te. Quando te fui ver, no verão de 1963, a minha irmã Lydia tinha acabado de nascer. Estávamos muito longe um do outro. Víamo-nos muito pouco e muito menos conversávamos: passeava sozinho, ia ao cinema ou ao bowling, sozinho. Lia no meu quarto. Tu estavas cansada, estavas a recuperar mal do parto, também tinhas de cuidar da pequena.

Vivias com o teu marido e a tua filha — eu ainda não a considerava minha irmã — numa pequena casa de uma cidade das profundezas do Centro-Oeste americano: Frederick, no Oklahoma, 350 quilómetros a sudoeste de Dallas, no Texas. Uma rua grande, três mil habitantes, 30 igrejas, uma piscina e um cinema: o deserto. A principal atividade social parecia-me ser a da visita uns aos outros, comer grelhados no churrasco e admirar as respetivas arcas frigoríficas.

Não te compreendia e já não conseguias mostrar-me o teu apego, a não ser quando me oferecias presentes. Assim, tenho uma caneta, a minha *Parker*, que me deste nessa altura e que uso sempre.

O teu marido, inteligente e engraçado, parecia gostar mesmo de ti. Foi gentil e atencioso comigo. Porém, via-te transparente e apagada.



Nos Estados Unidos.

Sucedendo a encontros fracassados em Colônia, este encontro fracassado na América parecia-me estar na ordem das coisas. Não podíamos saber que seria o último. Quando te deixei para apanhar o meu avião de regresso, tinha o braço em volta dos teus ombros e tu estavas triste e desamparada. Creio ter-te lembrado, como consolação, que voltaria — como se isso dependesse de mim! As palavras punham-se em desordem na minha cabeça e eu tinha um novelo de soluços reprimidos no fundo da garganta — sem dúvida, tu também. No momento da despedida, equivoquei-me e disse-te:

— Até já.

Ainda me dói não ter sido capaz de te confessar, mesmo nesse momento, quanto a tua ausência pesava sobre mim e quanto teria gostado de te conhecer, mais e melhor.

*Colónia, julho de 1964*

*A locomotiva chama os retardatários, a minha mãe está pronta a partir. Para chegar ao cais, terá de passar por um longo corredor, está na entrada, não consigo tocar-lhe. Enfia-se no corredor, enquanto tento retê-la. Perde substância, à medida que se afasta. Chamo-a, vira-se e sorri vagamente.*

Ruth anunciou-me a morte de Elsa e o seu enterro no cemitério de Wichita Falls, no Texas, estando eu de férias, nessa altura, na casa dela em Colónia.

Apesar dos esforços para a esquecer, sabia, há vários meses, que tinha cancro. Dizia-me, nas suas cartas, que precisava de ir várias vezes por semana submeter-se a sessões de «radioterapia», pois tinha numerosos quistos no corpo. O meu pai, por uma vez à altura, tinha tentado preparar-me para o desfecho. O acontecimento era demasiadamente grave e desmedido para que o discernisse e pudesse admiti-lo. Anulei-o mentalmente.

Uma vez que o telegrama a anunciar «a coisa» estava realmente nas minhas mãos, não havia mais faz de conta possível.

Por muito que desejasse, com todas as minhas forças, que essas palavras nunca tivessem sido ditas, não havia nada a fazer. Tinha acontecido.

Tal como todos fazem, sem dúvida, nestas circunstâncias, tentei evocá-la mentalmente e percebi que só me restava o seu timbre de voz no meu ouvido. Acredito que, continuando a guardá-la em mim, perdi definitivamente a sua imagem nesse momento. Talvez a culpasse, confusamente, por me ter abandonado, de forma tão definitiva, ao morrer. A sua morte, a dez mil quilómetros de mim, tornava-a abstrata, irrepresentável.



O meu luto e a minha paz, ante a morte de Elsa, não os pude ter senão 30 anos depois, quando vi uma fotografia do seu túmulo entre os papéis da minha irmã.

Porém, naquela noite, a minha primeira noite «de órfão», o que me permitiu manter a loucura à distância foi uma raiva louca: as mesmas pessoas razoáveis que, com razão ou sem ela, responsabilizava parcialmente por esta trapalhada queriam, para mais, que dirigisse orações de ação de graças, para agradecer a Deus por a ter deixado morrer, a ela que nunca tinha sido intencionalmente maldosa em relação a ninguém. Ruth desejava também que o fizesse; ignoro se foi para me ocupar o espírito, para respeitar a sua vontade ou porque acreditava nisso.

Revoltado e nauseado pelo ridículo de tudo aquilo, amaldiçoando todos, com a exceção de Ruth, decidi-me contravontade. Vi, assim, nessa ocasião, pela última vez, o interior de uma sinagoga: todos aqueles velhos grotescos a salmodiar que balançavam para a frente e para trás como psicóticos, nada tinham realmente para ressuscitar uma fé que eu, de qualquer modo, havia perdido há muito tempo.

Esta morte prematura de Elsa teve efeitos paradoxais. Transfigurada, tornava-se numa santa, numa personagem mágica e intocável. Elsa parecia ter assumido, na minha família, o lugar simbólico que a pequena Lydia, de bochechas muito vermelhas, antes ocupara, e formava-se um círculo invisível, dedicado à manutenção da chama. Desse círculo, eu não fazia parte. A sua mãe e o seu padrasto eram os organizadores e excluía-me dele, mesmo quando soluçavam ruidosamente e sem restrição, sem pausas. Fariam os outros admirar o seu sofrimento? Esse assunto congelado e desencarnado, que era apresentado como a minha

falecida mãe, era apenas o seu mausoléu imaginário — não o queria, odiava-o; vinha mascarar tudo o que nela podia ter sido vivo e espontâneo, tornava ainda mais pesado o segredo que perdurava e me mantinha à distância dela após a sua morte, tal como tinha feito ao longo da sua vida.

Em parte por uma reação adolescente, mas, sobretudo, para não perder uma ligação a Elsa, que se revelava mais carregada à medida que avançava na idade, rejeitei em bloco essas representações simplistas e aqueles que asseguravam a sua promoção. Percebi rapidamente que uma massa compacta e imprecisa de culpabilidade cimentava tudo isso entre todos, na família, incluindo eu. Culpabilidade por não se ter sobrevivido como ela conseguiu fazer. Culpabilidade por não se ter ido para lá, quando muitos outros não tinham regressado: Lydia, Rosa, David, o meu avô, outros ainda, sobre os quais o silêncio que pesava se tornava cada vez mais insustentável.

Eu não era melhor nem de uma essência mais pura do que os outros. Lutava sozinho, com raiva e sem qualquer fervor, para manter viva em mim uma memória de Elsa que não correspondia em nada a esse ícone na sua moldura dourada.

Sobre a sua deportação, sabia cada vez mais pelo que *aprendia* na leitura de testemunhos, através de fotografias e de filmes. O filme imundo rodado em Belsen por repórteres ingleses e que mostrava pilhas de cadáveres a serem carregados como detritos por pás mecânicas, circulou um pouco. Fiz a mim mesmo a pergunta que, sem dúvida, envenenou secretamente a vida de todos os filhos dos sobreviventes: «Que terá ela tido de fazer para sobreviver a isto?»

No decurso de uma discussão com a minha avó, que, é claro, andava à volta da questão da herança, ouvi-a bramir que Elsa

«não se tinha deixado apodrecer em Auschwitz» para que eu pudesse «tirar proveito dela». A herança era a minha parte de uma pensão que Elsa recebia da Alemanha Federal como reparação dos danos de guerra — Em alemão, dizia-se *Wiedergutmachung*. Literalmente, «repor o bem».

Para lá da elegância do dito da avó, não tinha maneira de saber se «Auschwitz» era utilizado no sentido genérico, para indicar «a deportação» em geral, ou se Elsa havia sido realmente detida no lugar de Auschwitz. Enquanto tomava nota mentalmente, não elaborei muito sobre isso. Imaginar Elsa neste contexto era demasiadamente violento para mim e demasiadamente degradante para ela.

Foi através de uma sucessão de deduções casuais e associações improváveis que acabei por chegar a uma representação mais matizada e, ao mesmo tempo, mais reconfortante da minha mãe. O que foi feito progressivamente, tal como numa descompressão.

O primeiro elemento foi uma contradição que eu reanimava quando me falavam dela. Sabia, pelo meu pai e pelos irmãos de Elsa, que ela tinha talento musical, e, todavia, nunca a tinha visto tocar fosse que instrumento fosse. Tinha um bom ouvido para a música e cantava afinadamente. Foi em sua casa, através de si, que ouvi os primeiros discos de música clássica: *Moldau*, a *Quinta Sinfonia* de Beethoven, o *Concerto para Violino em Mi Menor, Op. 64* de Mendelssohn. Soube que tinha tido um violino e tive até a responsabilidade de lho fazer chegar aos Estados Unidos, num estojo riscado e amolgado, após o nascimento de Lydia.

Vivemos, ela e eu, um episódio único em torno deste violino, durante o qual quase me aproximei de uma verdade constitutiva, fundamental, momento que naturalmente deixei passar.

---

# UMA HISTÓRIA IMPRESSIONANTE DE SOFRIMENTO INDESCRITÍVEL E DO SEU IMPACTO NAS GERAÇÕES FUTURAS

---

Enviada para Auschwitz em 1943, Elsa Miller sobreviveu ao campo de extermínio devido ao seu talento. Como violinista, teve a «oportunidade» de se juntar à orquestra feminina do campo, regida por Alma Rosé, sobrinha do famoso compositor Gustav Mahler.

É este o segredo que Jean-Jacques Felstein, o filho de Elsa, descobre muito tempo após a morte prematura da mãe, que nunca lhe revelara nada acerca do seu passado. Ao tentar preencher o vazio que sente, segue os passos de Elsa e encontra sobreviventes da orquestra em vários países: Alemanha, Bélgica, Polónia, Israel e Estados Unidos da América.

São as memórias de Hélène, Violette, Anita e outros músicos que o ajudam, finalmente, a compreender a sua mãe, que aos 20 anos passou pelo inferno e para sempre carregou esse fardo. Relatos que nos dão a conhecer a realidade incompreensível do campo: as audições das quais dependia a sobrevivência, os ensaios intermináveis, os destroços humanos que marchavam ao ritmo da banda a caminho dos trabalhos forçados, os concertos de domingo e as peças de música que Josef Mengele, o «Anjo da Morte», exigia ouvir quando não estava a decidir quem vivia e quem morria.

---

**Uma história que desperta emoção, respeito e raiva,  
numa escrita marcante e intransigente.  
E uma bela homenagem a estas mulheres.**

 <p>VOGLAIS com todas as letras</p> <p><b>20 20 editora</b></p>	<p>ISBN 978-989-564-284-7</p>  <p>9 789895 642847</p> <p>História</p>
--	--